

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/EDIFÍCIO ESCOLAR

precisamos
instalaçõesFACULDADE
CIÊNCIAS
LISBOA

Em época de mudanças

■ POLICARPO RODRIGUES

Dez anos após o incêndio que devastou totalmente as suas instalações na rua da Escola Politécnica, a Faculdade de Ciências vai finalmente, ter instalações condignas.

Até há pouco tempo havia alunos que tinham aulas na 24 de Julho e no Campo Grande ou na Rua da Escola Politécnica, situação incómoda que obrigava a recorrer ao corta-mato para não chegar tarde à aula seguinte.

Querendo saber mais, contactamos com Rui Lopes da direcção da Associação de Estudantes daquele estabelecimento de ensino superior.

Aquele dirigente associativo começaria por nos recordar que após o incêndio e na impossibilidade de concretizar o projecto existente há mais de 20 anos, surgiu um outro menos ambicioso, com carácter provisório, e que constava de dois pavilhões onde funcionariam as aulas, a biblioteca e a cantina. As futuras instalações seriam construídas no Campo Grande, na Cidade Universitária.

As obras começaram, só que, devido à falta de verbas, têm sofrido algumas interrupções prejudicando também o andamento das obras de beneficiação das velhas instalações onde futuramente será instalado o Museu da Ciência.

Actualmente aquelas instalações não oferecem o mínimo de condições, havendo professores que têm gabinetes onde antes se arrecadava o material de limpeza; fazem-se experiências de Química na biblioteca e existem poucas condições de segurança, nomeadamente no respeitante a material radioactivo.

Os alunos já estão habituados a estas e outras situações, mas é notório o seu descontentamento, o mesmo acontecendo com alguns professores (mais conhecidos no estrangeiro do que cá), que não dispõem de meios para ministrar devidamente os seus conhecimentos quer no campo de investigação quer no do ensino.

FORMAS DE PROTESTO...

Neste momento aquela D.A.E. espera uma informação sobre as verbas incluídas no orçamento de Estado para este ano destinadas às novas instalações.

No ano passado a verba foi insuficiente e os estudantes reagiram, embora não se fizessem ouvir cá fora. Limitaram-se a afixar uns cartazes no velho edifício onde ainda se pode ler: «Precisamos de mais instalações».

Caso a situação não se altere, prevêem-se para este ano, formas de reivindicação mais acentuadas exigindo ao Governo a concretização do projecto das novas instalações sem qualquer interrupção das obras e a sua conclusão no prazo estipulado.

APATIA

Sobre a actividade associativa, Rui Lopes lamenta a apatia dos seus colegas em relação à esta questão, entendendo que ainda estamos a sofrer as consequências da revolução de Abril de 74 — na sua opinião destruiu-se toda a estrutura que suportava a vida académica sem que, no entanto, se criassem alternativas.

Lembrou-nos que aquela associação, já com 79 anos, tem um historial muito interessante e que alguns elementos da sua direcção, antes de 74, devido a certas



Rui Lopes, da direcção da AE de Ciências

actividades, chegaram a ser presos.

Entende Rui Lopes que o objectivo da associação não é agitar mas realçar que a sua direcção deveria ser consultada pelos órgãos de gestão, inclusivamente no âmbito de actividades extra-curriculares.

Gostaria de divulgar cinema, teatro, escritores, peças musicais pouco conhecidas, enfim proporcionar mais facilidades aos colegas no respeitante à cultura geral. Infelizmente isso não é possível devido à pouca verba existente que foi canalizada para a impressão do boletim do caloiro e para o jornal «Improp», distribuído gratuitamente pelos colegas.

ESPAÇO NÃO É PROBLEMA

Quando ao apoio do Conselho Directivo em matéria de instalações para a D.A.E., não há razões de queixa pois, embora haja uma super-ocupação do edifício e alguns professores nem tenham gabinete, a di-

recção da Associação de Estudantes nunca faltou espaço para reunir e exercer algumas das suas actividades. Quanto às novas instalações no Campo Grande, no que toca esta matéria, são óptimas.

Ainda em relação às actividades desenvolvidas por aquela D.A.E., no ano passado tiveram uma escola de música que será provavelmente reactivada este ano e, conforme já vai sendo hábito, a feira do livro onde os alunos dos anos mais baixos têm a oportunidade de comprar livros, fotocópias e outro material didáctico aos colegas dos anos mais avançados. Ao longo do ano, levarão a efeito vários debates. Rui Lopes gostaria que o «Improp» saísse mais vezes, pois entende que a inércia dos seus colegas se deve grandemente à falta de informação, não só sobre o que se passa na sua Faculdade como em relação àquilo que se faz nos outros estabelecimentos de ensino superior do País. ■